

EXPERIÊNCIAS DO PROJETO ENCRUZILHADAS, SABERES E (ESCRE)VIVÊNCIAS NEGRAS

RICHARD FARIAS SOARES¹; ÍRIA RAMOS OLIVEIRA²; KELEN FERREIRA RODRIGUES³; EMANOELE MARQUES SOUZA⁴; MARINA SOARES MOTA⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – richardfariascp@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – iria_oliv@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – Ferreirarodrigueskelen@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – emanoelemarques47@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Os centros acadêmicos têm sido espaços onde o privilégio de fala, representação e a posição de sujeitos para além de “objetos de pesquisa” tem sido negado para as pessoas negras, colocando-as em posição de outroriedade aos sujeitos brancos. A partir disso, quem pode falar, quem produz ciência, quem tem as vivências validadas são os grupos que historicamente carregam instituições e posições de poder impostas através de desigualdades raciais, neste caso em específico, o grupo branco hegemônico (KILOMBA, 2019). De modo que, existem, alguns outros mecanismos que também contribuem para a continuação dessas desigualdades como o racismo institucional que através de normas e parâmetros impostos pelas próprias instituições cria vantagens para determinados grupos étnico-raciais em detrimento de outros (ALMEIDA, 2019). A institucionalização do racismo é observada, por exemplo, na dificuldade dos currículos aderirem produções de intelectuais negros e negras em uma perspectiva profunda e emancipadora que fuja do racismo acadêmico.

Ainda consideram a produção, a vivência e a experiência branca como a norma, fortalecendo o racismo presente na universidade e mantendo as representações negativas atreladas a população negra através dessa invisibilidade que reproduz o perigo de “uma histórica única” resumindo a população negra aos seus estigmas (ADICHIE, 2019). Também colocam os estudantes negros e negras em situações de inadequação e inferioridade ao perceberem que as suas vivências e produções não são tratadas da mesma forma que as vivências brancas. A partir disso, pensamos, em que momento as vivências negras oriundas de espaços quilombistas como os clubes negros, terreiros, coletivos negros, quilombos e bairros periféricos são (re)conhecidas em completude na universidade. Além dos próprios saberes adquiridos no cotidiano de resistência e enfrentamento ao racismo através das (escre)vivências (EVARISTO, 2014) dessas pessoas negras que decidem ingressar no ensino superior desafiando toda uma estrutura que sistematicamente opera contra elas.

De modo que reconhecendo esses atravessamentos torna-se necessário a criação de espaços que dialoguem com as vivências e produções negras presentes na universidade e sociedade. Os coletivos negros universitários despontam como movimentos de acolhimento, protagonismo negro e de enfrentamento ao racismo. A exemplo, o Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde (Coletivo) que também atua como um projeto de extensão na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e realiza um projeto intitulado “Encruzilhadas, saberes e (escre)vivências negras”. Este se propõe a colocar os saberes e as vivências

negras, em suas mais diversas formas, no centro da universidade e sociedade, ao mesmo tempo que contribui no ensino e formação dos participantes envolvidos.

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo apresentar as experiências e ações desenvolvidas no “Encruzilhadas, saberes e (escre)vivências negras” (Ação) realizado pelo Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Os membros do Coletivo, em conjunto, discutem qual será a temática mensal debatida na ação, visando assuntos que abordem as relações étnico-raciais em sua amplitude no sentido de dialogar com a necessária interseccionalidade que compreende as encruzilhadas entre raça, gênero e classe (AKOTIRENE, 2017). A partir da escolha da temática são pensados as pessoas convidadas, local e horário da atividade para posteriormente ser divulgado nas redes sociais, destacando que as ações são feitas para todos os públicos possíveis; estudantes da UFPel, professores, técnicos-administrativos e externos. De modo que as pessoas convidadas costumam versar sobre mulheres negras e homens negros que carregam saberes e vivências de enfrentamento ao racismo, em suas mais diversas formas, seja na universidade ou sociedade. Um bom exemplo disso são as experiências carregadas por estudantes negros e negras que advém de lugares periféricos e rurais que ao adentrarem a universidade se deparam com o racismo. Tornando-se extremamente importante a (r)existência de espaços que dialoguem, escutem e protanogizem esses estudantes que possuem saberes teóricos relacionados a intelectuais negros e negras que, principalmente, carregam (escre)vivências de resistência ao racismo que merecem ser ouvidas e contempladas, virando um momento importante também para os outros estudantes negros e negras que estão iniciando na universidade. Enxergando isso, a ação, realizou uma roda de conversa intitulada “(Escre)Vivências negras no espaço universitário” (Figura 1) que contou com a participação de um estudante negro e duas estudantes negras que compartilharam suas (escre)vivências na universidade, principalmente, sobre como existem diversos desafios a partir do momento que as pessoas negras decidem ingressar no ensino superior numa perspectiva de ascensão social.

Figura 1 - Participantes da roda de conversa sobre as “(Escre)Vivências negras no espaço universitário”



Fonte: Os autores, 2025.

Em outro momento, a ação, realizou uma outra atividade, em roda de conversa, intitulada “A mulher negra na sociedade brasileira” (Figura 2) que contou com a participação de duas mulheres negras, doutorandas que dialogam sobre suas vivências na universidade e também no mercado de trabalho, relatando suas maiores dificuldades, conquistas e a cotidiana necessidade de enfrentamento ao racismo em suas trajetórias. Tendo em vista o desafio da mulher negra em combater amplas opressões estruturais sendo o racismo e o sexism que cotidianamente tentam impor a mulher negra lugares de solidão, inadequação e servidão (GONZÁLEZ, 2020). Sendo um momento muito importante para as mulheres negras, presentes na ação, que puderam ouvir relatos potentes de duas semelhantes egressas da UFPel, onde as convidadas também destacaram a importância dos coletivos negros na criação desses espaços de discussões étnico-raciais, evidenciando o avanço dessas temáticas a partir dos coletivos.

Figura 2 - Participant es da roda de conversa sobre “A mulher negra na sociedade brasileira”



Fonte: Os autores, 2025.

Nessa mesma perspectiva em relação às discussões sobre relações étnico-raciais que enaltecem o protagonismo e possibilitam uma escuta atenta às mulheres negras, em 2025 a Prefeitura Municipal de Pelotas realizou, no mês de Julho, o Julho das Pretas que buscou valorizar a luta das mulheres negras, fortalecer as pautas feministas e antirracistas na cidade, celebrando a importância de suas contribuições na sociedade, obviamente, em alusão ao Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha (SILVEIRA, 2025). Onde, o Coletivo Hildete Bahia, foi um dos convidados pela Prefeitura a construir a agenda alusiva ao Julho das Pretas e incluir suas atividades na mesma. De modo que a ação “Encruzilhadas, saberes e (escre)vivências negras” sediou uma atividade sobre a temática de “Mulheres negras universitárias: Entre resistências, saberes e existência” (Figura 3) que contou com a presença de quatro mulheres negras, valorizando a diversidade, em diferentes perspectivas, tendo mulheres trans, quilombolas e periféricas que carregam diversos atravessamentos e estratégias de resistência na universidade que merecem ser ouvidas atentamente. Novamente trazendo questões muito importantes para os envolvidos nas atividades da ação e enfatizando um reconhecimento da mesma no cenário local de Pelotas. Ainda, é importante destacar que as ações seguem em andamento, mensalmente, mediante um calendário estabelecido pelo Coletivo. De modo que haverá rodas de conversa sobre; (Escre)vivências trans, masculinidades e subjetividades negras e coletivos negros universitários, que podem ser

acompanhadas no instagram do Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde (@hildetebahia).

Figura 3 - Participantes da roda de conversa sobre “Mulheres negras universitárias: Entre resistências, saberes e existência”



Fonte: Os autores, 2025.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que as ações do projeto “Encruzilhadas, saberes e (escre)vivências negras” promovido pelo Coletivo Hildete Bahia vem alcançando seus objetivos de colocar os saberes e as vivências negras no centro da universidade e sociedade, além de estar contribuindo com o ensino e a formação dos participantes envolvidos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

Coletivo Hildete Bahia, @hildetebahia. **Instagram**, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/hildetebahia/>. Acesso em: 24/08/2025.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. São Paulo: Pallas, 2014.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SILVEIRA, Daniel. Organização coletiva e programação ampla e variada foram destaques do Julho das Pretas. **Prefeitura Municipal de Pelotas**, 2025. Disponível em: <https://www.pelotas.com.br/noticia/organizacao-coletiva-e-programacao-ampla-e-variada-foram-destaques-do-julho-das-pretas>. Acesso em: 24/08/2025.